

Quanto à minha mãe, não renunciaria, certamente, a um dos seus criados. Estava convencida de que lhe bastava franzir os lábios para vergar o mundo aos seus desejos, e era isso que iria fazer.

V

Chovia, na noite em que o meu pai mudou o curso da minha vida. Acabáramos de nos levantar da mesa, a minha mãe, o meu pai e eu, para nos dirigirmos à sala de estar. O meu irmão Enrico estava no Clube, como era habitual às quintas-feiras.

– Preparei uma pequena lista, minha querida – disse o meu pai, e estendeu-me uma folha de papel azul preenchido com a sua grafia em letras grandes.

A minha mãe sorriu e fez tilintar a campainha. O café e os chocolatinhos podiam ser servidos.

– O que é papá, de que se trata?

Estava totalmente impreparada. Nesse tempo, os cavalos eram o meu mundo, não pensava noutra coisa. Durante as noites silenciosas passadas em casa com os meus pais, perdia-me nos meus mundos fantásticos e aventureiros, e foi por andar perdida em lugares tão distantes que a voz do meu pai me fez sobressaltar e sustar a respiração.

– De que se trata?

– De casamento. Consultei a tua mãe e a *Granmammà*. Levámos em conta as tuas inclinações. Preparei uma lista de nomes. Reflecte sobre isso. Tens a noite toda para pensar, podemos voltar a falar no assunto amanhã ao pequeno-almoço. São cinco óptimas pessoas, adequadas para a nossa família. Está na hora de ficares noiva. Podes escolher aquele de quem mais gostares. Aquele que for mais... aquele que... enfim, o marido que preferires. Conhece-los a todos e não quero influenciar-te. Respeitarei e apoiarei a tua escolha.

Ainda trago nos ouvidos o som cortante das palavras da minha avó, a *Granmammà*, como a chamavam em casa:

– Casar por amor, que vulgaridade!

Um refrão gasto repetido de vez em quando para liquidar a história de algum conhecido, um neto de visita com olhos a brilhar de emoção – «esperemos que a rapariga de Piacenza se dê bem aqui em Turim, conhecemo-nos este Inverno, o pai é um advogado *que se fez a si próprio*, mas eu estou apaixonado», e a *Granmammà* estremece e agita-se no sofá, cai-lhe a *lorgette*, depois brande a campainha para mais um pouco de chá, e quando o neto finalmente se vai embora, suspira, aflita: «Apaixonado... que quererá dizer com isso?».

Eu tinha dezanove anos de idade. Não queria viver para um homem, para uma casa cheia de correntes de ar, para filhos agarrados às saias, não queria um marido escolhido pelo meu pai, um nome de cinco – cinco! Apenas cinco as possibilidades que o meu pai me dava! E aquela folha de papel que ele me entregava, que mais era senão uma sentença expedita e arbitrária, um fantasma vindo do passado congelado das convenções? E por que motivo tão tempestiva? O mesmo não acontecera às minhas amigas: Olimpia Rignon havia desposado o seu tenente de Cavalaria, que a cortejara um Inverno inteiro. Sabia que em minha casa certas «modernidades» não eram admitidas, mas não julgava que pudessem ousar tanto. Sentia-me em sobressalto, espavorida e zangada. Só tenho dezanove anos e vivemos em 1928, *num mundo moderno*, olha para fora da janela, pai, olha para a avenida: ao lado das carroças de feno e dos carroceiros correm os automóveis! O mundo e os costumes mudam, não me sacrifiques num rito injusto, inútil, anacrónico e cruel...

E ao invés ouvi-me a dizer, com a minha voz de sempre, enquanto percorria a lista com os olhos:

– Giuseppe Braquemond... é um primo... Prefiro mantê-lo assim. Giovanni Bricherasio... é demasiado velho, pai, não gostaria de... Enrico Bellardi... é um banqueiro, é demasiado rico. Seria

um negócio... E Francesco Villaforesta... só o vi um par de vezes... Monta muito bem a cavalo, não é?

– Sim – disse o meu pai. – É filho único e tem muita terra com que se ocupar. É um óptimo rapaz, dizem-me. A mãe é uma...

Já não o escutava. Este Villaforesta parecia-me a graça concedida no último momento. Villaforesta, pensava eu, talvez me deixe tratar dos meus puro-sangue; gosta de cavalos e da vida desportiva, tal como eu; e das poucas vezes que o havia visto parecera-me um homem elegante, pouco dado à mundanidade, provavelmente de poucas palavras. Quando o olhar chegou ao último da lista, Eugenio della Torre, tomei consciência de que se tratava realmente de uma graça. O pobre della Torre era considerado o homem mais imbecil da cidade.

Casei-me em Turim a 10 de Outubro de 1928. Ainda não tinha vinte anos de idade quando a imbecilidade de della Torre, o dinheiro de Bellardi, os cabelos grisalhos de Bricherasio, o parentesco com Braquemond me fizeram caminhar, com a cabeça coroada por um véu autêntico de Bruxelas, ao longo da nave da Cappella dei Santi Pietro e Paolo. Eis-me aqui: na mão levo um ramo de lírios mesclados com fitas de cetim; nos pés calço deliciosos sapatos brancos à moda, de pele de vitelo com fivela e salto alto; e o vestido, feito à medida pelas Irmãs Gambino, é o último grito da moda, vem de Paris e toca no tornozelo. Ao pescoço trago o colar de pérolas que me chega ao umbigo, presente da *Grammà*. É um prémio? Uma promessa de outros e mais cintilantes presentes se me comportar como deve ser? Aquilo que é certo é que sou realmente – por um dia, pelo menos! – uma *demoiselle à la mode*, o meu pai esqueceu as suas preocupações financeiras – «as suas avarezas», diz o meu irmão – pois sou a única filha e quer-me casada com decoro.

O Rei ordenou que a deixassem dormir tranquila até que chegasse a sua hora de despertar.

– Que pena, que pena – grasna a *Granmammà*. – Que pena que *já não seja costume* vestir de dia o agasalho de penas de avestruz, gostaria de te ver com o meu que veio da China.

– Não, *Granmammà* – intromete-se a minha mãe. – Não veio da China, comprei-o com o Vittorio em Nápoles, durante a lua-de-mel, na Riviera di Chiaia.

– Olha que não, Elena – interveio o meu pai. – Comprámo-lo em Paris na Gault, não te lembras?

E não param de discutir e discutir acerca do agasalho de avestruz, se vinha de Pequim, de Nápoles ou de Paris, e por que não olham todos para mim, por que não se apercebem de que ainda sou eu, ainda que dure tão pouco, apenas o tempo de uma função religiosa, depois saio dali e fazemos todos pose para a fotografia e eu sou agora – mais vale pô-lo bem na cabeça – «a Villaforesta». Olho para o marido que o meu pai me escolheu: é belo, tem uma altivez atraente no olhar, usa bigode e fala-me com muita doçura.

Não sinto mais nada, nem curiosidade nem desejo.

Após a boda, quando a última prima já com o *aigrette* de viés se retira, Francesco e eu vamos para Revigliasco, para casa da sua mãe, onde passaremos a primeira noite juntos. Retiro-me para os meus aposentos. A minha sogra, Irene, manda-me a sua criada de quarto, que me despe, ajuda-me a pentear e a lavar, asperge-me de perfume enquanto resmunga frases desconjuntadas em piemontês e se ri entre dentes.

Sou ingénua, mas não demasiado. Intuo que esta criada de quarto de meia-idade, gasta como um velho bule, alude àquilo que daí a pouco me vai acontecer.

Sinto nojo das mãos gordas que me penteiam os cabelos e daqueles olhinhos pestanejantes, mando-a retirar-se com dureza.

Amanhã, irá certamente referi-lo à minha sogra, que não deixará de me repreender: por que terei querido ofender uma mulher tão solícita, uma pérola, na casa dos trinta?

Porquê?

VI

A lua-de-mel passámo-la em Paris.

Ficámos no Lotti e tornou-se evidente, passados alguns dias, que nem os cavalos poderiam aproximar-nos um do outro. Passeávamos no Faubourg Saint Honoré e enquanto eu tentava respirar Paris guardando cada montra, cada café, cada pessoa na memória, o meu marido exibia um tom entediado e *blasé*, como de quem já tudo viu e experimentou; e talvez os seus amigos da Cavalaria, com as suas histórias de mulheres alegres e corridas em Longchamps, lhe tivessem mesmo estragado a surpresa; talvez Francesco procurasse em Paris outras emoções, não estes *souvenirs* de luxo facilmente postos em circulação nos salões de Turim.

Comigo entediava-se: sofria, acho, por não fazer parte do grupo de cavalheiros e belas senhoras que garganteavam em torno do duque de Westminster, por não possuir em casa dois guarda-ventos Coromandel como Coco Chanel ou de, no Verão, não ir para Biarritz.

Mas o mau humor de Francesco deslizava por cima de mim sem deixar vestígios. Eu estava em Paris. Havia sempre alguém de Turim que lá ia «para fazer o ponto da situação» em matéria de música, arte e teatro, e quem lá ia, como a tia Clavesana, para lhe confeccionarem as camisas. Paris ficava gravada na memória como lugar de onde provinham os objectos mais díspares: as rosas de seda para pôr nos vasos e as essências de colónia, o *foie gras* e os pincéis de marta que a *Granmammà* usava para pintar. A lista podia continuar: cavalheiros de fraque a passear logo de manhã cedo para esclarecerem as ideias após uma noite animada, grandes *couturier*, as colecções de ovos Fabergé que um punhado de russos brancos vende para pagar o aluguer de dois quartos em Saint Michel, o Louvre com os seus tesouros – onde me tremia o coração não perante a visão da *Gioconda*, mas dos intermináveis corredores vazios, e se me perco aqui dentro, pensava eu, quem me encontra, quem me põe a salvo, e resistirei uma noite inteira fechada

entre todas estas caras, temos a certeza de que não descerão em procissão para redemoinharem à minha volta e fazerem-me perder o juízo? Não foi o que se passou com uma turista holandesa alguns anos antes?

Não era só a cidade a alimentar aquela irrequietude; sentia-me possuída por uma excitação jamais sentida antes, pois, ali, entre as vitrinas à moda, havia feito uma descoberta: percebi que era bela.

À noite, quando Francesco tardava em regressar – por onde andava não o sabia, mas podia imaginar –, despia-me sozinha, finalmente *sozinha*, na casa de banho e contemplava-me nua no espelho. Não era roliça como as mulheres leitosas de Renoir e como, de resto, haviam sido a minha mãe e a minha avó; mas também não era magricela.

Francesco nada tinha a ver com esta revelação. O tempo nocturno que passáramos juntos desde o dia do nosso casamento havia sido decadente, nada que valesse a pena recordar.

Creio, ao invés, que o meu primeiro encontro com Trott teve muito a ver com a descoberta de ser uma mulher com certos atractivos.

Havíamos sido convidados para uma festa em casa da baronesa de Lunden, uma prima da minha mãe que se casara com um diplomata alemão.

Lembro-me bem daquela casa na rue Cambon, iluminada por dúzias de velas, das jarras de cristal em que a baronesa havia enfiado grandes ramos de jarros. Os quatro salões estavam decorados ao puro gosto neoclássico; como a dizer, eis, depois das frivolidades – rococó, liberty, ecléticas, aquilo que se quiser – regressamos à elegância das linhas simples e ricas, e realmente naquela casa não havia outras cores a não ser o branco e o dourado. Os jarros, rígidos nos seus caules – estas flores tão frígidas, chiques e *modernas* –, significavam que a baronesa sabia – oh, se sabia! – que ali fora, nos grandes *boulevard*, grassava algo que se chama «o novo gosto», que muita mobília estucada deveria ir

para o sótão, pois as casas da moda, hoje, são rarefactas conchas de cor e tapetes claros – a tinta única é mais fácil, não se desliza no gosto –, mas a baronesa é um tenaz marechal do antigo, como os seus muitos apelidos e predicados recordam, e não se rende facilmente às aberrações do contemporâneo. Todavia, quando vem ao nosso encontro com um sorriso veste uma túnica em *Jersey* de decote macio e, espetado no ombro, traz um alfinete de diamantes e rubis *inequivocamente déco*.

Francesco, finalmente, parece estar à vontade, movimenta-se com desenvoltura, conhece duas ou três personagens com quem enceta longas conversas.

A baronesa de Lunden ocupa-se de mim, arrasta-me de cá e de lá e diz a todos os que encontramos que é uma bela surpresa que eu seja «tão *charmante*, uma verdadeira beleza». Os seus convidados anuem, como que para lhe darem razão; e a baronesa melindra-se, protesta, por que nos mantiveram tanto tempo longe uma da outra?, «será possível?», eu devia ter chegado a Paris «muito antes»; não pergunto antes de quê. No meu coração desconfio, aliás, sei que aquele «antes» está a significar antes do meu rápido casamento com Francesco, que evidentemente a baronesa considerava um *mésalliance*. Estremeço, mas não de indignação, exactamente o contrário: também eu acho que devia ter visto um pouco do mundo antes de me ligar a alguém, de alma e corpo, a um senhor de boas maneiras que mal conheço.

Na mesa, sento-me em frente ao meu marido, mas não o vejo. Está escondido por trás de floreiras de vidro e bronze dourado, cheias de flores brancas e pequenas pralinas multicoloridas. À minha direita tenho um inglês, que me entretém com educadas observações acerca das últimas descobertas em termos de aquecimento doméstico: mas como não sabia que se pode ser partidário de uma ou de outra escola, tubos cheios de ar quente contra tubos cheios de água quente? e eu qual prefiro? o que se usa em Itália?

Quando lhe respondo que na realidade só gosto mesmo é do fogo, pois tem um cheiro bom e uma luz bela, a conversa encalha

um pouco, como um tronco numa margem; e não há mais nada que a possa ressuscitar. O inglês, desconsolado, vira-se para a sua direita e começa outra conversa – também sobre o aquecimento? – com uma mulher vestida de vermelho. Olho para a minha frente, admirada com o cuidado com que a baronesa acomodou os seus convidados, que cavaqueiam desenvoltamente aos pares.

Só se enganou comigo, digo de mim para mim. Este inglês, a quem brilham os olhos de íntima satisfação enquanto explica o funcionamento de um moderno calorífero regressará a casa desiludido e convencido que aos italianos o progresso não interessa para nada, aliás, se fosse por eles...

Fico em silêncio. Bebi um pouco de champanhe e agora tudo se confunde. As vozes, o tilintar dos talheres, a luz dançante das velas, e eu percebo, com a ardente clareza das intuições, que estou numa armadilha. A minha vida foi decidida, organizada, projectada por outrem. Deram-me um recinto dentro do qual posso escoicinhar, movimentar-me, preguiçar; mas trata-se de um cerrado. O mundo está lá fora.

– *Vous êtes toujours si triste, Madame?*

A frontalidade da pergunta gela-me.

Estou ainda a olhar para a mesa da baronesa e para a sua escolha de flores brancas. Respiro fundo antes de focar as palavras gélidas com as quais responder à impertinência. Sinto-me como o *Peak*, o meu cavalo baio, quando tem medo de um trovão.

Incha-se-me a veia do focinho, os olhos fitam o vazio, as narinas fremem.

Dou coices, não deixo que me ponham o cabresto, sacudo. O coração bate desenfreado.

Nada desta minha transformação se vê externamente.

Depois, lentamente, viro-me para a minha esquerda.

Estou imóvel, mas por dentro sinto-me a despenhar.

Precipito-me no vazio.

Não vejo nem sinto mais nada.

Tudo isto aconteceu num instante: as fadas são muito rápidas nas suas tarefas.

Tenho à minha frente um homem de vinte e oito, trinta anos. Tenho Trott à minha frente.

VII

Soube depois que Trott teve a impressão de que eu olhava para ele com a mesma expressão com que ele olhava para mim. Que senti no meu olhar o mesmo poder gélido que eu sentira no seu. Chamavam-no Trott para abreviar um apelido austríaco longuíssimo e impronunciável, um daqueles nomes que a baronesa de Lunden definiria *en courant d'air*. Nascera em Veneza, mas crescera em Paris, pois na sua família receavam que a humidade lhe fizesse mal – a irmã falecera de febres reumáticas, quando ainda tinham casa aberta para o Grande Canal; e foi-me dito que se casara havia alguns meses com uma Inès, uma rapariga de Bordéus. Ocupava-se de negócios, dizia alguém; de política, segundo a baronesa de Lunden, que gostava de o convidar porque falava inglês, francês, alemão e italiano com desenvoltura e era de tal maneira bem-educado que era sempre o mais agradável dos convidados.

Jamais teria podido imaginar, nessa noite, as coisas que viria a saber dele. Na altura, apenas tive a indubitável certeza de ser bela, aos seus olhos, como nunca mais viria a ser aos olhos de ninguém.

Tive também aquela sensação de perder algo. No momento não me pareceu coisa muito importante. Não percebi o alcance do que se estava a passar.

Tinha realmente ouvido o estalar de dedos do funâmbulo: *até as espetadas que estavam na lareira, carregadas de perdizes e faisões, adormeceram, e adormeceu também o fogo.*

Tudo isto aconteceu num instante: as fadas são muito rápidas nas suas tarefas.